

BULLYING: UM DIÁLOGO COM OS ALUNOS BULLYING: A DIALOGUE WITH STUDENTS

¹ Suzane Buss

²Elenice Ana Kirchner

RESUMO:

O artigo é resultado da Pesquisa de Monografia da Graduação em Pedagogia que tem seu foco o tema *Bullying*. Um assunto que gera muitas divergências entre as pessoas, sendo principal motivo é a falta de conhecimento sobre o mesmo. A presente pesquisa buscou esclarecer aspectos relacionados à temática *Bullying*, bem como conhecer, identificar e compreender as práticas existentes em uma determinada escola do Município de Itapiranga - SC. A pesquisa teve um embasamento bibliográfico, após estudo, partiu-se para a aplicação do projeto de pesquisa, onde através de uma pequena palestra e questões relacionadas ao tema foi possível descobrir incidências de *Bullying* (agressores, vítimas e a convivência na escola: o papel do espectador), na opinião dos alunos.

Palavras-Chaves: *Bullying*, Escola, Alunos.

ABSTRACT:

The article is the result of the Research Monograph Undergraduate Education that focuses the topic *Bullying*. A subject that generates a lot of debate among people, being the main reason is the lack of knowledge about the same. This research sought to clarify aspects related to the topic *Bullying* and meet, identify and understand existing practices in a particular school in the municipality of Itapiranga -SC. The research was a literature basis, after study, we decided to implement the research project, where by a short talk and questions related to the topic was possible to discover incidences of *Bullying* (bullies, victims and coexistence in school: the role the viewer) in the opinion of students.

Keywords: *Bullying*, School, Students.

Introdução

¹ Suzane Buss – Pós-Graduada em Alfabetização pela UnC, Graduada em Pedagogia pela FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: suzy-buh@hotmail.com;

² Elenice Ana Kirchner – Mestre em Educação pela UNOESC Campus de Joaçaba – SC; Pós-graduada pela FAI Faculdades. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas- PR. Docente na FAI Faculdades. E-mail: elenicaanakirchner@gmail.com;

Abordar um tema que gera polêmica, pode até ser complicado, mas é trabalhando com temas assim que teremos mais autonomia e segurança para estarmos proferindo palavras sobre determinado assunto. Se te pedirem o que é *Bullying*? Saberias responder na hora? Ele realmente existe por aqui, ou é exclusivo de uma região? Como ocorre, porque ocorre? Enfim, muitas perguntas e poucas respostas até o momento. Posso até encontrar algumas respostas, mas tenho a certeza de que as perguntas se multiplicarão.

O principal objetivo deste artigo é conhecer e identificar as práticas, bem como os índices de *Bullying* existentes em uma determinada escola do município de Itapiranga - SC, bem como identificar quais são seus principais causadores.

Numa sociedade cada vez mais individualista e competitiva, o ser humano sente a necessidade de pisar em cima do outro para alcançar o que deseja, sem sequer dar atenção ao que ele pode estar causando ao próximo.

O tema *Bullying* gera muitas divergências entre as pessoas, e na maioria das vezes as pessoas confundem o *Bullying* com outros temas e atitudes. E por qualquer motivo em que a pessoa se sinta ameaçada, sai falando que está sofrendo *Bullying*. Sendo que na realidade não é uma única “ameaça” qualquer que pode ser considerado *Bullying*, tem de se levar em conta alguns quesitos para ser realmente considerado um caso de *Bullying*.

Muitas são as formas de *Bullying*, mas este trabalho foca o *Bullying* que ocorre dentro da escola. Vários autores nos apresentam várias maneiras de como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz. Esse é o caminho que a escola deve seguir, criar possibilidades do aluno crescer com uma mentalidade bem formada entre o que é correto ou não.

***Bullying* e a sua História**

Diversos pesquisadores em todo o mundo têm direcionado os seus estudos para o fenômeno do *Bullying*, que tem vindo a tomar aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir as mais variadas faixas etárias, cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade, tornando-se um caos. Estudos recentes apontam num sentido que abrange todas as classes sociais e pior ainda é uma tendência para um aumento rápido desse comportamento com o avanço da idade, da infância à adolescência. Deixando pais e professores muito preocupados com esta situação.

Os primeiros estudos foram desenvolvidos pelo Professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com uma Campanha Nacional Anti-Bullying desenvolvida nas escolas da Noruega em 1993. No início dos anos 70, Dan Olweus

iniciou suas investigações na escola sobre o problema dos agressores e as suas vítimas, mas as instituições de ensino não tinham interesse sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de Bullying, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. Segundo o Histórico (2012)³:

Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do Bullying foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do bullying, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. Este instrumento destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança.

Mas afinal, como posso distinguir uma brincadeira inofensiva de atos de *Bullying*? Qual critério devo usar para identificar um comportamento de *Bullying*? Como posso caracterizar os atos repetitivos? Muitas são as perguntas relacionadas à prática ou não do *Bullying*. Então em que posso me basear para esclarecer essas dúvidas e outras mais que com certeza virão? As respostas serão poucas, mas as perguntas com certeza serão muitas.

Segundo os autores Fante e Pedra (2008, p. 39):

O pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega (1978 a 1993), estabeleceu alguns critérios básicos para identificar condutas *Bullying* e diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras próprias da idade. Os critérios são os seguintes: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Para considerarmos um caso de *Bullying*, ele deve ser repetido no mínimo 03 vezes contra o mesmo indivíduo, deve se levar em conta todo o histórico dos dois sujeitos envolvidos. Pois cada caso é um caso.

³Retirado do site

<https://sites.google.com/site/bullyingcoisasdecrianca/hist%C3%B3rico?tmpl=%2Fsystem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2F&showPrintDialog=1>

Sempre necessita-se levar em consideração todo o contexto em que ocorre. Em muitos casos o que apenas pode parecer uma brincadeirinha onde todos dão risada e brincam, em algum momento pode se transformar num pesadelo para outros.

Rolim (2010, p. 59) coloca que:

ser vítima do Bullying não é um mero e desconfortável rito de passagem através da infância. Trata-se de um caso de saúde pública que merece atenção. Pessoas que são vitimadas por Bullying [...] tem mais chances de se engajar em comportamentos delinquentes quando adultos.

E é uma realidade, a tendência de quem sofreu *Bullying* um dia, ou de quem convive direto com a violência é de, quando adulto pode vir a ser quem é que vai cometer esses atos. Por isso a escola tem um papel fundamental para tentar reverter essa situação.

Compreendendo as Variantes do *Bullying*

“Dentro de um conceito mais amplo, podemos afirmar que todos nós já fomos ou seremos vítimas de *Bullying* em algum momento de nossas vidas” (SILVA, 2010, p. 145).

Acredita-se que lidar com as diferenças interpessoais constitui-se num dos maiores desafios que os seres humanos enfrentam. Há alguns anos atrás não se tinha o conhecimento do “termo *Bullying*”. Todas as brincadeiras eram apenas brincadeiras, sem nenhuma segunda intenção. Hoje qualquer brincadeirinha, mesmo sem intenção de magoar o próximo pode ser considerado *Bullying* pelos indivíduos, justamente por não terem conhecimento do assunto.

Um exemplo claro que dependendo das circunstâncias pode ser considerado *Bullying* é o trote na faculdade. Ele é algo muito interessante no ingresso de cada nova turma na faculdade. Cada instituição tem as suas regras referente ao trote, mas muitos alunos de cursos diversos, exageram e fogem totalmente das regras. E nesses casos, os “veteranos” acreditam que podem fazer o que quiser com os calouros, maltratam, judiam, ofendem e em alguns casos humilham. E como na maioria das vezes isso é repetido não só por uma pessoa, mas por várias pessoas e várias vezes, pode ser considerado *Bullying*, dependendo das circunstâncias que os indivíduos se comportarem.

Mas porque as nossas crianças desde cedo são “influenciadas/incentivadas” a brincarem de guerrinha? Falar um palavrão é bonito? Beliscar, dar uns tapinhas, arranhar e morder tudo é “considerado” normal até uma certa idade e depois não? Porque continuam não

acreditando que isso é o certo? Aí podemos refletir porque as crianças, os adolescentes e os jovens estão tão voltados para a agressividade, não obedecem mais os pais, os professores e nem ninguém. Para eles a autoridade maior é ele mesmo, ele decide pra si o que é o certo.

A maior incidência de *Bullying* ocorre nas escolas, e isso se deve ao fato de estarem em contato com um número maior de pessoas. E que pela nossa natureza, não sabemos lidar/aceitar as diferenças. Acreditamos que todos devem ser igual a nós, pois assim o mundo será melhor, afinal, só eu sei o que é o certo. A sociedade consumista e individualista nos ensina que o que eu faço é o correto, o errado sempre são os outros.

Nós como educadores, temos um papel importantíssimo para com os alunos, tanto pelo aspecto positivo como às vezes pelo negativo. Pois somos nós que podemos estar estimulando ou reprimindo. É a nossa atitude perante a sala de aula que irá se refletir na sociedade. E esse início terá que começar em nós. E que vai desde o modo de se vestir, sentar, comer, falar, ou seja, temos que “ser” uma máquina que trabalha em harmonia. O exemplo é a maior e a melhor forma de demonstrarmos o que é o correto.

Buscando conhecer a existência de incidências do fenômeno *Bullying*, considerando que se comenta que ele só está presente em cidades maiores, buscou-se comprovar que ele pode estar presente mais perto do que se imagina e numa conversa formal os alunos poderiam se sentir envergonhados de estar expondo alguns problemas, por isso da escolha de um questionário escrito, no qual não tinha necessidade de identificar-se, facilitando assim, a coleta de dados.

Refletindo com os pesquisados

A pesquisa buscou a compreensão das variantes que o *Bullying* apresenta numa Escola Municipal de Itapiranga – SC, no ponto de vista dos alunos.

Quanto à natureza da pesquisa ela foi de cunho teórica-empírica, porque além da utilização de dados secundários, houve coleta de dados primários em pesquisa de campo. Os dados coletados trouxeram subsídios para interpretação deste fenômeno. Buscou comprovar na prática o que nos é indicado na teoria. Após a observação da realidade partiu-se para a sala de aula, discutir o tema e coletar os dados.

O *Bullying* é uma “onda do momento”, mas parece que para tudo ele é o motivo. Com a sua “popularidade” qualquer situação de conflito, ou de ameaça, as pessoas generalizam e falam que estão sofrendo *Bullying*. Sendo que muitas vezes nem sabem qual é o seu real significado. No primeiro momento houve a observação da realidade a ser pesquisada e o

contato com uma escola que oferecesse os anos iniciais do Ensino Fundamental. O foco principal foram às crianças/adolescentes, por ser uma fase de maiores “crises de personalidade”. Neste período o “EU” é indefinido e vive em conflito, na maioria das vezes, onde a rejeição pode ser maior, e deixar mais marcas negativas.

A pesquisa ocorreu no dia 16 de outubro de 2012 numa Escola da Rede Municipal de Ensino de Itapiranga - SC, juntamente com as turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Num total de 39 alunos, 15 alunos se consideraram pardos e 24 alunos da cor branca. Levou-se em conta a raça dos alunos em todo o decorrer do trabalho, para compreender se há algum indício que numa determinada raça predomine alguma situação de *Bullying*. E na faixa etária de 09 à 11 anos, idade padrão para estar cursando o 4º e 5º ano.

A palestra iniciou com a Fábula: “*Bullying* na escola: o que é isso?”, apresentada em slides aos alunos. Após a contação, debatemos referente à mesma, as crianças puderam expor as suas opiniões sobre a história. Este momento foi muito significativo, pois a grande maioria dos alunos queria expor cada um a sua ideia e ao mesmo tempo.

Conforme seguia a metodologia, eles receberam uma folha com a brincadeira do faz-de-conta. Onde tiveram que desenhar na folha qual animal da história eles se identificavam. Os desenhos foram os mais diversos, tendo um aluno que desenhou um animal que não estava envolvido na história. O animal que mais se destacou foi a cobra, no qual haviam de responder o porquê da escolha deste animal. Muitos colocaram por ser fácil de desenhar.

O questionário foi dividido em duas categorias: Agressores e Vítimas, onde foram direcionadas perguntas referentes a estes aspectos.

Agressores

Para Fante e Pedra (2008, p.60):

Agressores são aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes⁴, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. [...] Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio.

Para descobrir a existência de agressores na escola foram elaboradas 05 perguntas.

A primeira questão buscou descobrir se o aluno já havia maltratado os colegas da escola. A grande maioria colocou que nunca maltratou os colegas da escola. E uma pequena parcela colocou que já maltratou, mas que hoje não maltrata mais.

⁴ Que abusam do poder.

A segunda questão referiu-se a quais os tipos de maus tratos que o aluno pratica na escola. Como na primeira questão a grande maioria colocou que nunca maltratou algum colega, nesta segunda pergunta não foi diferente. E em segundo lugar os tipos de maus tratos que mais ocorre é a colocação de apelidos que os colegas não gostam.

A terceira pergunta tratou da frequência que se maltrata os colegas da escola. A maioria colocou que nunca maltratou os colegas, seguido de alguns que maltratam uma ou duas vezes por mês.

A quarta questão buscou saber qual o local onde ocorre os maus tratos. Como para muitos nunca maltratou, essa foi a alternativa que mais foi citada. E em segundo lugar foi o recreio. Mostrando que o recreio é um ponto frágil da escola, pois é o momento onde as crianças/adolescentes possuem uma maior liberdade, não são tão cobrados pelos professores, por ser um momento de descanso. E alguns se aproveitam disso para estar se impondo sobre os outros.

A quinta e última questão buscou saber qual o sentimento da criança/adolescente quando ela maltrata algum colega na escola. Muitos alunos nunca maltrataram colegas na escola. Mas quem maltrata sente raiva e tristeza de si mesmo. Mas só esses sentimentos não bastam para o aluno parar de maltratar os seus colegas. É preciso que a escola desenvolva atividades que estimule o aluno e faça o mesmo pensar de uma maneira diferente sobre o que ele está fazendo e também agir diferente.

Vítimas

Segundo o Minidicionário Ediouro de XIMENES (2000, p.965) **Vítima** é uma pessoa injusta ou arbitrariamente reprimida, maltratada, condenada ou morta. Pessoa que sofre acidente, dano, desgraça, etc.

Fante e Pedra (2008, p. 59 e 60) definem 03 tipos de vítimas: as Vítimas de *Bullying*, as Vítimas Provocadoras e as Vítimas Agressoras.

As vítimas típicas de *Bullying* são aquelas que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídas ou tímidas e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si.

Vítimas provocadoras são aquelas que agem impulsivamente, provocando os colegas e atraindo para si reações agressivas, contra as quais não conseguem lidar com eficiência.

As vítimas agressoras são aquelas que são ou foram vitimizadas e que acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos.

Essa classificação se deve ao perfil das pessoas envolvidas nesses casos. Cada uma tem o seu papel na hora da ação.

A primeira questão foi saber quantos bons amigos o aluno considera ter na escola. Pôde-se constatar que a maioria dos alunos possui mais de 06 bons amigos. Analisando pelos aspectos positivos, a amizade é um bom sinal de que a criança/adolescente se sente mais segura e confiante. Podendo assim evitar maiores conflitos.

Analisando a segunda questão referente se o aluno já sofreu maus tratos na escola, a maioria colocou que sim, que já foi maltratado na escola, porém hoje não é mais. Acredita-se então que a fase mais crítica, é em torno dos 8 à 9 anos, pois muitos já foram maltratado por outros colegas e agora não são mais. Esses maus tratos, na maioria das vezes são ocasionados por alunos mais velhos.

A terceira questão abordou os tipos de maus tratos que o aluno sofreu ou sofre. E os apelidos foram a maioria, eles são uma das formas mais comuns utilizados para intimidar os alunos “mais fracos”. Na maioria das vezes os apelidos são ofensivos, onde o aluno que o recebe se sente inseguro, fica chateado com o que lhe chamam. E assim é que o apelido “pega”. Em segundo lugar ficou as ameaças, se você não fizer algo ou se contar para alguém nós vamos te bater.

Para Dimitrius (2000, p. 46): “a primeira coisa que a maioria de nós nota numa pessoa é a aparência física e a linguagem corporal.” E se fomos realmente levar em consideração é a primeira coisa que todas as pessoas fazem. Julgam as outras pela aparência física e a maneira de como se comportam.

A quarta questão tratou da frequência que o aluno é maltratado na escola. Muitos alunos colocaram que são maltratados uma ou duas vezes por mês. Os números de conflitos não são muito preocupantes, mas se a escola possuir uma estrutura bem sólida com professores, alunos e pais conscientes que devem intermediar os conflitos através do diálogo com certeza a sociedade só terá a ganhar.

Se têm conhecimento que o momento da escola em que o aluno possui uma maior liberdade, é o recreio. Segundo Schmitz (2012, *apud* Fernandes, Luft E Guimarães, 1998, p. 93) encontramos a seguinte descrição para este termo:

Recreio: passatempo; divertimento; folguedo; aquilo que recreia; tempo concedido para brincarem no intervalo das aulas; lugar onde se recreia.

Recrear: proporcionar recreio a; deleitar divertir; alegrar, aprazer, sentir prazer ou satisfação; divertir-se; brincar; distrair-se, desenfadar-se.

Se compararmos os significados atribuídos a estas palavras no dicionário com a prática cotidiana do recreio vivenciada nas escolas, perceberemos que está associada à concepção de conceder um determinado tempo para as crianças brincarem. Uma pausa para descansar, ir ao banheiro, tomar o lanche e, nos poucos minutos que restam, brincar.

E é aí nesse momento que os maiores índices de conflitos são encontrados. A liberdade que os alunos necessitam na escola, na maioria das vezes o recreio é o único tempo/espço para o aluno se expressar corporalmente, longe dos olhos de um professor. E isso está nitidamente bem claro na resposta que foi dada a quinta pergunta, onde o aluno frequentemente é maltratado.

A sexta questão tratou do sentimento do aluno ao ser maltratado. Os principais motivos que refletem nos alunos ao serem maltratados, deixa-o triste, chateado e magoado, isto poderá inclusive interferir em seu desempenho escolar.

A sétima e última pergunta referente as vítimas quis saber se o aluno contou para alguém sobre os maus tratos que recebeu. A maioria dos alunos disse que sim, que já contou para alguém. E as pessoas que eles mais possuem confiança e se sentem mais seguros são seus familiares. Isso é um bom sinal, de que a família ainda tem um papel importante e significativo para o aluno.

Vivência e Convivência na Escola: O Papel do Espectador

Hoje as crianças e adolescentes passam mais tempo na escola do que em casa com a família. E a escola precisa estar preparada fisicamente e pedagogicamente para atender bem a todos sem nenhuma distinção. E essa convivência é que na maioria das vezes vai influenciar na formação do caráter da pessoa.

Segundo Strieder (2012, p.23),

O ingresso da mulher/mãe no mercado de trabalho/emprego obrigou as famílias a buscarem alguém ou alguma forma de manter seus filhos ocupados. Como consequência, assistimos a redução do tempo, da qualidade e do conteúdo do convívio familiar.

Sendo assim, as crianças estão cada vez mais convivendo em maior tempo com seus colegas na escola, sendo uma realidade vivenciada pelas crianças da escola pesquisada, pois a mesma atende seus alunos em período integral.

Para Morais (2003, p. 50):

viver é aprender a se relacionar. É compreender a dinâmica do relacionamento que só ocorre na dinâmica do compromisso, do nosso compromisso com o outro, conosco mesmo e com a própria vida; é aprender a cuidar do outro com o mesmo carinho e a mesma devoção com que cuidamos de nós mesmos.

Como sempre dizem: “faça aos outros o que queres que o façam pra ti”. Concordo com essa frase, por que tudo o que fizermos estaremos atraindo para nós também.

Fante (2005, p.91) nos alerta para o fato de que: “a matéria mais difícil da escola não é matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”.

Muitas pessoas têm dificuldades em lidar com as outras, talvez seja por medo, vergonha ou outro motivo psicológico associado.

Agora nosso foco está nos alunos que ficam assistindo aos ataques, aos quais damos o nome de espectadores.

Segundo Silva (2010, p. 51):

Os espectadores não costumam ter um comportamento tão marcante. A identificação deles depende de observação mais frequente e cuidadosa, pois seu comportamento não costumam apresentar sinais explícitos que denunciem a situação que estão vivendo. Tendem a se manter calados sobre o que sabem ou presenciam.

Na maioria das vezes os espectadores, são alunos que só presenciam os fatos e apoiam os agressores, por medo deles serem as próximas vítimas.

A primeira pergunta a responder foi se o aluno já havia presenciado algum colega praticando *Bullying*. Houve pontos de vista diferentes e um equilíbrio entre quem já presenciou ou não, algum colega praticando *Bullying*. Muitos não presenciaram, mas muitos já presenciaram várias vezes. Esse nos deixa um pouco preocupados em relação a convivência dos alunos na escola. Pois segundo Strieder:

Para crianças, adolescentes e jovens, a escola oportuniza espaços de vivências que, bem ou mal orientam para o presente e para o futuro. Ela continua sendo um espaço de relações humanas, um espaço de encontros e desencontros, um espaço de reflexão, mas também de práticas vivenciais capazes de fundamentar o desenvolvimento e a vivência de valores como a solidariedade, a justiça e a interdependência. (2012, p17)

A escola, nesse contexto necessita repensar os momentos de vivências de seus alunos, oportunizando momentos de integração, onde todos se sintam parte integrante, respeitando a si mesmo e os colegas.

A segunda pergunta buscou saber o que o aluno fez ao presenciar o *Bullying*. Em relação a essas atitudes muitos agiram de forma correta, saíram em defesa da vítima e pediram que os agressores parassem. Mas nem todos os alunos tem essa coragem e não sabem como agir nesse momento.

O espectador apesar de não estar envolvido diretamente, sofre alguma alteração psicológica/emocional. Querendo ou não, esse espectador, muitas vezes tem medo de que algo aconteça com ele. E acaba por “defender” o agressor.

Para Strieder (2012, p. 23 e 24):

Atualmente uma onda de violência que irrompe nas escolas, tornada pública pelos meios de comunicação. Ela se manifesta não somente nos Estados Unidos, mas também no Brasil e outros países. Trava-se, na escola, um conflito titânico entre os impulsos educacionais/domesticadores e as potencialidades bestializadores dos seres humanos. Para enfrentar essa situação professores e lideranças educacionais, ou proprietários de educandários instalam sistemas de segurança e vigilância. Talvez seja um sinal de que a escola esteja sendo vencida pelas forças indiretas de formação, patrocinadas por programas de televisão, por filmes de violência ou por jogos violentos. São situações que despertam para novas preocupações o de como amenizar essas forças violentas que pairam sobre a instituição escola.

Grande parte disso, se deve a falta de tempo que os pais tem para com os filhos. O horário que possuem disponível é para o descanso dos mesmos, e as crianças com a energia e as influências do meio contribuem para que aconteça essa onda de violência. Necessitamos repensar algumas atitudes e as formas de relações entre os humanos.

A terceira pergunta foi relacionada ao sentimento do espectador ao presenciar o *Bullying*. Muitos ficaram tristes com o ocorrido e também sentiram medo de que isso pudesse acontecer com eles também.

A quarta e última pergunta quis saber quais os motivos que levam alguns colegas a praticar *Bullying*. Foi nítida a compreensão de que os alunos mais acreditam que os colegas praticam *Bullying* é que querem ser populares e que se acham melhores que os outros.

Considerações finais

Na tentativa de buscar esclarecimentos significativos sobre a temática acerca do *Bullying* muitos foram as perguntas respondidas, mas maior ainda foram os novos questionamentos que surgiram e ainda deverão surgir ao longo do tempo.

O tema *Bullying* gera muitas divergências entre as pessoas e o principal motivo é a falta de conhecimento sobre o mesmo. Na maioria das vezes as pessoas confundem o *Bullying* com outros temas e atitudes. Mas através desta pesquisa espero ter contribuído para o aumento de tal compreensão sobre esta temática.

O principal foco da pesquisa foi conhecer e identificar as práticas, bem como os índices de *Bullying* existentes em uma determinada escola do município de Itapiranga- SC. Compreende-se que é um problema com muitas variantes e que cada caso é um caso. Todo caso deve ser analisado separadamente, para chegar-se a uma possível conclusão.

Buscou-se compreender as variantes que este fenômeno traz. Sabe-se que cada escola tem a sua realidade, seus conflitos, mas basta a escola querer e buscar soluções socioeducativas para a sua realidade.

Percebe-se na pesquisa que as práticas mais comuns de *Bullying* são os apelidos e as ameaças, que na maioria das vezes deixam os alunos constrangidos, envergonhados. Mas não costumam ser tão frequentes. E realmente é no recreio onde há maiores incidências de *Bullying*, pois os alunos acreditam que não tendo um acompanhamento mais próximo de um professor ou outra pessoa responsável podem estar fazendo o que bem desejam.

A maioria dos alunos que já sofreram algum tipo de *Bullying* contaram para algum familiar, demonstrando assim uma confiança maior na família. E uma das consequências mais comuns é uma queda no rendimento escolar, onde o aluno se sente oprimido e tem medo de estar se expondo novamente.

A oportunidade de ter realizado essa pesquisa na escola em que eu já havia trabalhado foi muito gratificante, rever os alunos e realmente buscar compreender qual é a visão que eles têm da relação com eles mesmos é fascinante. Apresentar ações que diminuem os índices de *Bullying* é um pouco tanto complicada, pois temos que levar em consideração todos os aspectos, trabalhando assim na individualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIMITRIUS, Jo-Ellan. **Decifrar pessoas:** como entender e prever o comportamento humano. Tradução Sônia Augusto – São Paulo: Alegro, 2000.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. revisada e ampliada – Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar:** perguntas e respostas – Porto Alegre, RS; Artmed, 2008.

HISTÓRICO, do Bullying. Disponível em:
<https://sites.google.com/site/bullyingcoisasdecrianca/hist%C3%B3rico?tmpl=%2Fsistem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2F&showPrintDialog=1> em 10 de outubro de 2012 às 23h47min.

MORAIS, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ROLIM, Marcos. **Bullying:** o pesadelo da escola. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

SCHMITZ, Lenir Luft. **Entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental:** Uma análise das vivências espaço-temporais das infâncias. 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STRIEDER, Roque. A Educação ainda em Processo de Construção / Roque Strieder e Rose Laura G. Zimmermann. – Florianópolis –SC : DIOESC, 2012.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa** – 2 ed. reformulada. São Paulo: Ediouro, 2000